

CONSTRUÇÕES DE GERÚNDIO NO PORTUGUÊS DO BRASIL

Maria Luiza BRAGA¹
Jaqueline CORIOLANO²

- **RESUMO:** Neste artigo, investigamos os variados usos das expressões formadas pela presença do morfema *-ndo*, focalizando mais detalhadamente as orações complexas que incluem como um de seus segmentos uma oração de gerúndio. Defendemos que as variadas construções podem se distribuir em três “constelações”, consoante a forma em estudo constitua o núcleo de um predicado verbal, seja em orações independentes, hipotáticas ou encaixadas; funcione como um elo conectivo a estabelecer relações entre sintagmas/orações ou como um marcador discursivo que contribui para a organização das relações inter-pessoais ou para sinalizar as atitudes do falante. Com respeito às orações complexas integradas por uma oração gerundial, mostramos que, no que concerne a suas propriedades gramaticais, as diferenças entre os variados tipos – circunstanciais, qualificadoras e seqüenciadoras – são de natureza estatística.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Construções de gerúndio; orações complexas; orações circunstanciais; orações qualificadoras; orações seqüenciadoras.

Nas últimas décadas, as questões relacionadas à polissemia têm recebido uma grande atenção por parte de lingüistas cognitivistas e funcionalistas, particularmente daqueles interessados por processos e mecanismos de gramaticalização. Questionam-se as diferenças entre polissemia e homonímia, buscam-se critérios capazes de sustentar esta distinção, estudam-se os processos cognitivos que levam à extensão do significado de um item lexical, examinam-se as correlações entre polissemia e mudança lingüística.

Esse fenômeno, inicialmente circunscrito aos limites dos itens lexicais, mais recentemente tem visto seus domínios se ampliarem. Taylor (1992), por exemplo,

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – Faculdade de Letras – Departamento de Lingüística e Filologia – Programa de Pós-Graduação em Lingüística – 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ. Endereço eletrônico: malubraga@terra.com.br

² Universidade Federal do Rio de Janeiro – Faculdade de Letras – Departamento de Lingüística e Filologia – Programa de Pós-Graduação em Lingüística – 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ. Endereço eletrônico: jaquelinecor@yahoo.com.br

é claro a esse respeito: ressalta que as categorias da estrutura lingüística, sejam elas morfológicas, morfossintáticas, sintáticas e mesmo prosódicas, podem exibir um conjunto de significados relacionados, precisando, portanto, ser explicados como ocorrências de polissemia. Esta é motivada, estruturada e pode ser explicada a partir de uma abordagem que leve em consideração os processos metafóricos e metonímicos.

Com vistas a referendar sua posição, Taylor investiga, entre outros fenômenos, os sufixos diminutivos, no italiano, e o tempo passado, em inglês. Com referência aos variados diminutivos em italiano (*-ino*, *-etto*, *-ello* e combinações), assume que são instâncias de uma única categoria cujo significado central é a expressão da pequena dimensão de uma entidade física. Em virtude de processos metafóricos e metonímicos, o uso desse morfema sofre extensões, tanto no que diz respeito às classes de palavras às quais pode se agregar quanto aos significados que pode expressar. Em outras palavras, o sufixo pode ser acrescentado a nomes que designam entidades abstratas, adjetivos, advérbios e verbos e pode expressar atitude de afeição ou ternura por parte do falante; falta de valor; intensificação.

Quanto ao tempo passado, mostra que seu sentido central é a dêixis temporal, isto é, a localização de um evento ou estado em algum ponto ou período de tempo anterior ao momento da fala, ao qual se associam três outras constelações de significado: o uso não-dêitico nas narrativas, históricas e de ficção; sua utilização, em orações condicionais introduzidas por *if*, como sinalizador de desejos ou suposições e sugestões; seu emprego como um “amaciador pragmático”, constelações observadas em outras línguas, tais como o italiano e o zulu.

A análise que apresentamos das orações complexas integradas por uma oração de gerúndio se inspira nos postulados de Taylor, sinteticamente aludidos. O trabalho consta de quatro partes: na primeira, listamos as variadas construções que incluem entre seus constituintes uma forma com o morfema *ndo*; na segunda, focalizamos as orações complexas; as considerações finais vêm a seguir, na terceira parte; por fim, apresentamos as referências bibliográficas.

Os dados que fundamentam nosso estudo foram coletados em um *corpus* constituído por 400 seqüências textuais faladas e 400 escritas. A amostra falada totaliza 75.672 palavras e a escrita, 96.316. As seqüências textuais são de variados tamanhos e foram agrupadas segundo fossem predominantemente narrativas, argumentativas ou descritivas. Os textos orais foram recolhidos na Amostra Censo e os escritos, na Amostra Midiática, bancos de dados que integram o acervo do PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua, sediado na UFRJ.

As construções integradas por forma verbal com o morfema *ndo*

As construções³ integradas por forma verbal com o morfema *ndo* exibem diferenciados graus de gramaticalidade. O grau mais baixo de gramaticalidade é representado pelo predicado verbal das orações “desgarradas”⁴ e o mais alto, pelos usos da forma no gerúndio como marcador discursivo. Entre esses dois limites extremos, dispõem-se outros empregos, como passamos a considerar a seguir.

As orações “desgarradas” de gerúndio caracterizam-se pela ausência de uma outra oração à qual possam se articular e admitem paráfrases quer por orações independentes quer por orações adjetivas, como mostram os exemplos (1) e (2), respectivamente.

- (1) F: Falei: “Então, tudo bem!”. Aí o pessoal: “A gente faz a prova, Fátima?” “Vamos fazer!” Sempre fui monitora de turma, três anos. “Vamos fazer a prova!” Aí tudo mundo *copiando* a prova, né? Que não era mimeografada, era não. Toca a copiar a prova. (Amostra Censo 80 – Falante 23)
- (2) Passarinho *cantando*, cachorro *latindo*, criança *chorando*. O ambiente era de aparente normalidade no morro do chapéu Mangueira, no Leme, terça-feira passada. Mas era só prestar atenção para perceber que os olheiros do tráfico acompanhavam de perto a movimentação. (*O Globo* – “Só a chuva atrapalhou” – 11 set. 2005)

Na modalidade falada, a falta de vinculação sintática da oração desgarrada é sinalizada pela entonação que a caracteriza como uma unidade entonacional independente; na escrita, pelos sinais gráficos de pontuação. Embora encontráveis na modalidade escrita, são mais frequentes na fala.

As orações complexas integradas por uma oração com predicado verbal no gerúndio foram distribuídas em três sub-grupos conforme admitissem paráfrases por orações coordenadas, adverbiais ou adjetivas. Elas são exemplificadas em (3), (4) e (5), respectivamente, e serão consideradas na próxima parte deste artigo.

- (3) Ao sair do veículo, um bandido rendeu a mulher dele, Nilda Ferreira, *roubando* o cordão de ouro e a aliança que ela usava. Knoller, que não estava armado, reagiu e levou um tiro no ouvido. (*O Globo* – “Dois PMs mortos a tiros em São Gonçalo” – 2 maio 2005)
- (4) F: ... professora Sandra. Eu tive tanto ódio dela... Então, eu *pegando* assim o Jornal do Brasil, *olhando* o Jornal do Brasil, eu vi o desenho de uma mulher gorda. Então, pelo desenho do jornal, dessa mulher, eu fiz ela. (Amostra Censo 80 – Falante 42)
- (5) Não sei se a fé remove, mesmo, montanhas, mas há ampla evidência empírica *mostrando* que a religião e fé ajudam a viver mais e melhor e a morrer em paz. (*O Globo* – “A ciência prova” – 8 abr. 2005)

³ Construção é aqui definida como “qualquer estrutura linguística que é analisável em partes componentes” (TAYLOR, 2002, p.561).

⁴ O rótulo “desgarrada” remete a Decat (2001), que já estuda há mais tempo esse tipo de oração.

Formas verbais no gerúndio podem funcionar como o V2 de uma perífrase verbal. Nas perífrases em pauta, V1 pode ser representado por itens em diferentes estágios de gramaticalização: verbos funcionais, tais como *ficar*, *andar*, *viver*, *ir*, aspectualizadores, tais como *continuar*, *acabar*, *começar*, e o auxiliar *(es)tar*, como exemplificam os trechos (6), (7) e (8), respectivamente.

- (6) E: E no tempo assim que o senhor namorava a sua esposa, né? o pai dela era muito severo?
F: Demais! O meu sogro botava até espelho atrás da televisão para *ficar me fiscalizando*. (Amostra Censo 80 – Falante 07)
- (7) F: Dei baixa no exército, em sessenta e um, em sessenta e quatro me casei, *continuei trabalhando* na mecânica, com essa pessoa, tudo bem. (Amostra Censo 80 – Falante 07)
- (8) F: Carro, todos eles são perigosos. Isso depende muito da pessoa que *está dirigindo*, entendeu? (Amostra Censo 80 – Falante 04)

Este sub-conjunto de estruturas evoca um dos parâmetros que Lehmann (1988) postulou com vistas a analisar as orações complexas, de uma perspectiva tipológica. A atuação do parâmetro em pauta, que incide sobre o grau de gramaticalização do verbo principal e suas repercussões sobre a estrutura da oração complexa, pode ser verificada a propósito da trajetória de mudança do verbo *ser*, inicialmente um verbo pleno, estativo, como se vê em (9), em verbo auxiliar, como se ilustrou em (8), acima. O processo foi lento e gradual e suas origens podem ser encontradas naqueles contextos em que *ser* passa a funcionar como verbo funcional, seguido por expressões locativas, temporais, de modo, codificadas sob a forma de advérbios ou SPreps, e orações com predicado verbal no gerúndio, como mostra o exemplo (10), coletado em Mendes (1999). A presença de elementos intervenientes entre *ser* e V2 no gerúndio, mais freqüente em se tratando de perífrases constituídas por verbo *funcional + gerúndio*, pode ser observada também a propósito de *(es)tar + gerúndio*, conforme se verifica em (11). Enunciados como este – *estou lá bem sambando* – são potencialmente ambíguos, podendo ser interpretados quer como oração complexa constituída por uma oração nuclear (*estou lá*) seguida por uma oração de modo (*sambando*), quer como uma oração simples com predicado verbal constituído pela perífrase *(es)tar + gerúndio*. Evocam, sincronicamente, o processo de gramaticalização que propiciou a constituição do tempo composto.

- (9) Maltreito de sas feridas, Galaaz non *estede* (séc. XIII). (apud Mendes, 1999)
- (10) E, *estando* (ele) a hũa fenestra *rogando* Nosso senhor e *louvando*-o mui de coração, viu hũa lu vïir (séc. XIV). (apud Mendes, 1999)

Em certos contextos, a forma terminada em *ndo* funciona como elemento conector à semelhança de um SPrep. O primeiro funcionamento é ilustrado em (11), no qual *dependendo* pode ser parafraseado por *segundo* e em (12), no qual *visando* pode ser parafraseado por *com vistas a*.

- (11) Henrique Brandão acrescenta que o valor pago pelo seguro também varia *dependendo* do bairro carioca ou do município onde o segurado mora (*Extra* – “Apólices variam por bairros” – 4 maio 2003)
- (12) É preciso que todos cheguem a um mesmo patamar para o Fluminense alcançar objetivos a médio prazo. Isso não quer dizer que não se tenha de trabalhar *visando* a Taça Rio. (*Jornal do Brasil* – “Flu em regime de concentração” – 9 mar. 2004)

Exemplos como os três últimos sugerem que algumas construções gerundiais estão experimentando um incipiente processo de gramaticalização, paralelo àquele sofrido por formas no participípio presente que adquiriram um valor prepositivo como é o caso de *tirante*, *consoante*, etc.

As construções gerundiais também podem ser utilizadas como um artifício para a obtenção da atenção do interlocutor, como o trecho abaixo ilustra, ou como um recurso intensificador, associado ao advérbio focalizador *só*, usos normalmente incluídos na classe dos marcadores discursivos e ilustrados em (13) e (14), respectivamente.

- (13) Daqui a pouco, a gente está atuando em cima disso. Normalmente, tudo que eu gosto está... está sempre em cima de comunicação, *está sabendo?* uma... uma filmagem, uma entrevista, um... sabe? (Amostra Censo 80 – Falante 37)
- (14) F: Menina, repetiu a comida só você *vendo!* (Amostra Censo 89 – Falante 12)

Os exemplos apresentados acima mostram que as formas constituídas pelo morfema *ndo* podem ser distribuídas em “constelações”, para nos valermos da metáfora de Taylor (1992), no que diz respeito ao seu estatuto categorial: construções nas quais *V+ndo* funciona como um predicado verbal, construções nas quais a forma constituída por *ndo* desempenha um papel conectivo e construções nas quais funciona ao modo de marcadores discursivos. Tecidas essa considerações, passamos ao exame das orações complexas integradas por uma oração gerundial.

Orações complexas constituídas por orações com predicado verbal no gerúndio

Nesta seção, examinamos as orações constituídas por predicado verbal no gerúndio, daqui para frente rotuladas de orações gerundiais, que se encontram vinculadas a uma outra oração, denominada núcleo. As primeiras, como adiantáramos na seção anterior, são de variados tipos: podem expressar uma circunstância que, nos termos de Halliday (1994), realça a oração nuclear (daqui para frente, referidas como circunstanciais), exprimir uma qualificação para um nome ou um evento (daqui para frente, referidas como qualificadoras), e sinalizar que um evento se segue a outro (daqui para frente, referidas como sequenciais).

Com relação a esse conjunto de orações, interessam-nos seus processos de vinculação às orações nucleares e suas propriedades gramaticais.

De acordo com a abordagem gramatical tradicional, as orações de gerúndio instanciam um processo de subordinação, elas mesmas se configurando como orações subordinadas – adverbiais ou adjetivas. A título de exemplo, considerem-se as formulações seguintes: “como o gerúndio tem principalmente significado temporal, as reduzidas por ele formadas correspondem, na maioria dos casos, a orações *subordinadas* adverbiais temporais [...] Mas podem equivaler também a outras orações *subordinadas* adverbiais” (CUNHA, 1970, p.418); “as orações reduzidas são *subordinadas*⁵ e quase sempre se podem desdobrar em orações desenvolvidas”⁶ (BECHARA, 1999, p.514).

Em se tratando da abordagem lingüística de cunho funcionalista, inexistente acordo quanto ao estatuto das orações gerundiais e, por conseqüência, do processo por meio dos quais elas se vinculam a sua oração núcleo. Assim, as propostas de Halliday (1994) e Hengeveld (1997), embora superpostas parcialmente, no que diz respeito aos critérios formais em que se baseiam, chegam a classificações distintas no que diz respeito ao processo de vinculação. O último considera as orações de gerúndio como construções encaixadas, vale dizer, um processo de subordinação, estatuto identificável pelos critérios formais apresentados a seguir:

- i. presença de subordinador
- ii. ordem especial dos constituintes
- iii. dependência do modo verbal
- iv. uma combinação de i-iii

De acordo com ele, as orações de gerúndio se subdividem em abertas e fechadas consoante a especificação do sujeito. Fechadas são as orações que apresentam o argumento sujeito especificado enquanto abertas são aquelas nas quais o sujeito não vem especificado.

Halliday (1994), por seu turno, considera as orações gerundiais como estratégias hipotáticas, vale dizer, um processo de hipotaxe, visto que congregariam os traços [+ dependência] e [- encaixamento], distinguindo-se, portanto, tanto das estratégias paratáticas, que apresentam os traços [- dependência] [- encaixamento] quanto das estratégias de encaixamento, com

⁵ A forma italicizada é nossa.

⁶ Esta citação foi extraída de uma seção na qual o autor caracteriza as orações reduzidas: “Dizemos que as subordinadas *ao chegar o verão, chegando o verão e chegado o verão*, são orações *reduzidas*, porque apresentam o seu verbo (principal ou auxiliar, este último nas locuções verbais), respectivamente, no *infinitivo, gerúndio e particípio* (reduzidas infinitivas, gerundiais e participiais) (BECHARA, 1999, p.513).

os traços [+ dependência] e [+ encaixamento]. A dependência é formal, isto é, sinalizada por um dos dois critérios listados a seguir:

- i. presença de conectivo subordinador
- ii. forma não finita do predicado verbal

À falta de convergência no que concerne ao estatuto sintático das orações de gerúndio se contrapõe o consenso parcial no que diz respeito às acepções semânticas que podem ser sinalizadas pelas orações gerúndias circunstanciais. Hengeveld (1997), fundamentado em abordagem tipológica, lista *tempo, causa, circunstância, concessão*, etc. Haiman (1985), por sua vez, também a partir de investigação de cunho tipológico, cita *seqüência temporal, conseqüência, modo ou aparência, contraste, concessão, condição, instrumento, testemunho ou exemplificação e simples conjunção* (simple conjoining) para o japonês; *and, then, on... ing, V-ly, even though / if, instead of, after, because of, if*, para o hindi e *after, because, if e and*, para o hua.

Trabalhos sobre o português do Brasil, independentemente da orientação teórica, também salientam a grande variedade de significados que podem ser expressos no contexto das orações de gerúndio. Com vistas a facilitar o cotejo entre as diversas obras, as relações semânticas associadas às orações gerúndias são apresentados na forma de um quadro.

Tempo	Tempo	Tempo	Tempo	Tempo	Tempo	Concomitância Temporal
Causa	Causa	Causa	Causa	Causa	Causa	Causa
Concessão	Concessão	Concessão	Concessão			Concessão
Condição	Condição	Condição	Condição	Condição	Condição	Condição
	Modo	Modo, Meio, Instrumento	Modo, Meio ou Instrumento		Modo	
					Consecução	Conseqüência
					Finalidade	Finalidade
(CUNHA; CINTRA, 2001)	(LIMA, 1972)	(BECHARA, 1976)	(SAID ALI, 1971)	(MATEUS et al., 2003)	(SOUZA CAMPOS, 1976)	(FERRARI, 1997)

Quadro 1 – Relações semânticas que podem ser inferidas no contexto das orações de gerúndio

Nas amostras de fala representativas da variedade carioca e naquelas constituídas por textos extraídos, identificamos também numerosas relações semânticas que podem ser inferidas na presença de orações de gerúndio, como ilustram os trechos a seguir.

■ Modo

(15) Entre 18h30 e 19h30, a dentista prefere ir à Tijuca *usando* o Jardim Botânico, apesar da distância maior, para evitar os engarrafamentos. (*Jornal do Brasil* – “Beleza de parar o trânsito” – 17 nov. 2005)

■ Tempo

(16) O crânio quase completo do animal foi doado ao museu por três caçadores de dinossauros amadores, de Iowa, que o descobriram em 2003, *explorando* a formação conhecida pelo nome de Hell Creek (Riacho do Inferno). (*O Globo* – “Descoberto nos EUA dinossauro herbívoro com cabeça de dragão” – 3 maio 2005)

■ Condição

(17) Não perturbando H eu falo para ele; se ele me perturbar, aí mesmo que eu não faço nada. (risos) Então, não me perturba que sai o serviço todo. Me *perturbando* não sai. (Amostra Censo 80 – Falante 14)

■ Causa

(18) *Temendo* a violência do Rio, alguns parentes da corretora de imóveis Juçara Dias Menezes já tinham decidido se mudar para Cabo Frio, na Região dos Lagos. (*Extra* – 4 jun. 2003)⁷

■ Concomitância

(19) Depois que o ônibus enguiçou, a situação se tornou incontrolável e os passageiros depredaram o carro, *quebrando* os vidros e pára-brisas. (*Extra* – 8 abr. 2005]

A apreensão da inferência desencadeada pelas construções de gerúndio não é fácil dada a ambigüidade, a compatibilidade com duas ou mais acepções, a vagueza e indeterminação semântica que as caracteriza. Essas orações ilustram bem a sub-determinação do significado e fazem ressaltar a relevância dos fatores co-textuais e das variáveis pragmáticas para a construção do significado.

O exame de dados produzidos em situação ordinária de comunicação, escrita ou falada, revela que as construções de gerúndio que expressam circunstância tendem a compartilhar algumas propriedades formais: se pospõem, não-marcadamente, à oração nuclear, dispensando a presença de elementos conectivos que as articulem à oração nuclear. Ocasionalmente, as orações que sinalizam condição (17) e causa (18), acima, contrariando a tendência à posposição, ordem não marcada das orações de gerúndio, ocorrem antepostas.

Com referência às orações gerúndiais que expressam *condição*, uma hipótese explicativa para as ocorrências marcadas, no que concerne à posição, poderia recorrer a um paralelismo com a contraparte finita, para as quais a ordem neutra é representada pela anteposição da hipotática. O poder explanatório dessa

⁷ Algumas seqüências discursivas do jornal *Extra* foram coletadas em textos que não dispõem de títulos.

hipótese, no entanto, perde força quando se examinam as orações de gerúndio que sinalizam *causa*: estas também tendem a ocorrer antepostas embora não se possa falar em ordem neutra da contrapartida finita sem se levar em consideração o tipo de conectivo – *como*, *porque* e *que* – que as inicia. Uma análise mais minuciosa do contexto de ocorrência de orações antepostas gerundiais desvenda a relevância de fatores de ordem pragmático-discursiva: a presença, no co-texto prévio, de orações finitas que exprimem a mesma acepção, como é o caso do exemplo (17), apresentado acima, no qual a oração *me perturbando não sai* é precedida por *se ele me perturbar, aí mesmo que eu não faço nada* e o conhecimento do mundo que explica como o medo pode levar pessoas ameaçadas a se mudarem de localidade, como é o caso do exemplo (18).

Quanto à presença de conector encabeçando oração de gerúndio, a outra variável a que aludimos, em nosso corpus encontramos apenas ocorrências de justaposição. O exame de outras amostras de fala, particularmente daquelas produzidas em situação formal de comunicação, revela que as orações gerundiais podem ser encabeçadas por preposição como mostra o exemplo seguinte, colhido nas transcrições do NURC:

- (19) Loc:... tinha-se esperança que que dona Ana Cândida tendo assumido a Procuradoria Geral do Estado, *em* ela *sendo* mulher... que ela defendesse um pouco mais a classe. (D2 – SP)

Um segundo subgrupo de orações gerundiais compreende aquelas rotuladas de adjetivais pela abordagem gramatical tradicional e exemplificadas abaixo:

- (20) F: E na época, a Gretchen usava aqueles shortezinhos bem *entrando* lá mesmo, né? Aí eu peguei falei: “Tudo bem. Eu vou entrar”. (Amostra Censo 80 – Falante 43)

A grande maioria das orações aparece contígua ao nome que qualificam, usualmente o sujeito. Distinguem-se, portanto, das circunstanciais por essa propriedade gramatical e também pelo fato de não admitirem a mudança da ordem.

Os enunciados gerundiais qualificadores se vinculam a um constituinte da oração precedente, qualificando-o, e aqui, diferentemente do que ocorria com as circunstanciais, se justifica falar em subordinação, já que se observa a presença dos dois traços aludidos previamente [+ dependência] e [+ encaixamento]. O nível de vinculação é diferente do exibido pelas orações circunstanciais: enquanto estas se articulam a uma outra oração, as qualificadoras se encaixam em um SN,⁸ fato que explica as divergências formais relativas a realização do

⁸ Em nosso corpus, encontramos duas ocorrências de qualificação de evento por uma oração gerundial, como mostra o exemplo seguinte: Rafael Alves Lira, 20 anos, confessou ontem que deu pedradas no idoso João Werneck Peixoto, 60, *provocando* a sua morte. (*Povo* – “Rapaz confessa que matou” – 7 jan. 2004).

sujeito e ordem. Uma outra distinção concerne ao fato de que o número de orações gerundiais qualificadoras desgarradas é bem superior à quantidade de orações circunstanciais desgarradas.

A distinção entre as orações circunstanciais e as qualificadores, porém, pode não ser tão nítida quanto nossas palavras sugerem. Assim, deparamo-nos com instâncias que admitem duas interpretações, como ilustra (21), no qual a não contigüidade entre o substantivo *cortejo* e a oração gerundial favorece uma leitura temporal, sem descartar totalmente a interpretação qualificadora.

(21) Sempre é possível fazer alguma observação aparentemente inteligente sobre o que tem acontecido estes dias em Roma. Por exemplo, o fato de que os rituais de velório e funeral não são imutáveis, diferentemente do código rígido que regula o conclave. Seria exemplo disso a novidade daquele cortejo que cruzou a Praça de São Pedro, *levando* o corpo de João Paulo II do Palácio Apostólico para a Basílica de São Pedro. (*O Globo* – “Sem queixas ao Bispo” – 8 abr. 2005)

O outro subgrupo a ser considerado neste artigo inclui as orações gerundiais que se configuram como um evento posterior, subsequente ao evento mencionado previamente, conforme se ilustra em (22).

(22) Após vários socos, o estudante desmaiou, *só voltando* a si quando já estava sendo atendido por um grupo de para-médicos que o levou para o Hospital Miguel Couto, no Leblon. (*Extra* – “Universitário é agredido à saída de forró na Lagoa” – 8 abr. 2005)

Enunciados semelhantes a (22) dispensam conectores e a explicitação do sujeito sintático e tendem a ser empregados em porções narrativas, tipo textual que favorece a leitura sequencial que lhes é atribuída. A mudança da posição é bloqueada visto que a ordenação das orações, gerundiais e finitas, neste caso, submete-se a motivações icônicas, que visam a reproduzir a ordem em que os eventos extra-lingüísticos ocorreram.

Este sub-grupo inclui também aquelas orações de gerúndio que representam o pano-de-fundo para os trechos que se constituem como figura de uma narrativa. A opção pela forma não-finita associada à imperfectividade congela, por assim dizer, o processo verbal, fazendo ressaltar o caráter pictórico, como se vê em (23). Distinguem-se das anteriores por apresentarem sujeito explícito e virem encabeçadas por conjunção coordenativa, conjunto de propriedades que pode ter motivado sua classificação como orações coordenadas pela abordagem gramatical tradicional (BECHARA, 1999; SAID ALI, 1971).

(23) Ela chega lá de novo: “Ah! É? Pulou a janela? Vai ficar mais meia hora aqui.” Ficamos um tempão no colégio copiando. Tudo bem! Sem grilo nenhum! Nós ficamos, depois a gente veio embora *e eu morrendo* de fome *e eu tremendo*, que eu estava tremendo, mas tudo bem, passou. (Amostra Censo 80 – Falante 54)

Com relação às orações complexas consideradas nesta parte do artigo, a última palavra concerne às suas correlações com as variáveis relacionadas à

modalidade e tipo de textual. O exame dos dados empíricos revela que elas são mais frequentes na modalidade falada, particularmente nas porções descritivas, nas quais desenha o modo de ser ou ações concomitantes àquelas referidas pela oração nuclear.

Considerações finais

Consideramos, nas seções anteriores, os variados usos das expressões formadas pela presença do morfema *-ndo*, focalizando mais detalhadamente as orações complexas que incluem como um de seus segmentos uma oração de gerúndio.

Defendemos que as variadas construções podem se distribuir em três “constelações”, consoante a forma em estudo constitua o núcleo de um predicado verbal, seja em orações independentes, hipotáticas ou encaixadas; funcione como um elo conectivo a estabelecer relações entre sintagmas/orações ou como um marcador discursivo que contribui para a organização das relações inter-pessoais ou para sinalizar as atitudes do falante. As diversas “constelações” se articulam a diferentes tipos de informação: informação relacionada ao mundo externo aos interlocutores, informação relacionada ao texto, e informação relacionada à atitude subjetiva do falante. Os usos são estruturados e, para cada “constelação”, podem ser explicados em termos de redes polissêmicas que se estabelecem entre as várias acepções.

Uma última palavra concerne a uma hipótese de Haiman (1985), investigada em Braga (1996), segundo a qual a redução e a incorporação, propriedades caracterizadoras das orações de gerúndio são compatíveis tanto com motivações econômicas quanto com motivações icônicas. Assim as orações em pauta cancelariam as marcas das categorias gramaticais que compartilham com a oração nuclear porque codificam material lingüístico conceitualmente próximo àquele exibido pelo núcleo com que se articulam. A economia, associada aos processos de coordenação, seria então o elemento propulsor do apagamento. A outra alternativa relaciona-se à motivação por iconicidade, isto é, as orações de gerúndio seriam reduzidas e incorporadas porque codificam material pano-de-fundo, “subordinado”. A subordinação sintática estaria, então, refletindo iconicamente a “subordinação” conceitual. A análise desenvolvida no presente artigo sugere que redução é propriedade de todas as orações gerundiais, não, porém, a incorporação, como mostramos na seção anterior. Uma vez desatreladas as duas propriedades e centrando-se apenas na redução, verifica-se que as motivações arroladas acima operam sobre conjuntos diferenciados de dados: parte das orações, denominadas aqui de seqüenciais, parecem motivadas por

economia; as qualificadoras e outra parte das sequenciais, por outro lado, parecem motivadas por iconicidade. É igualmente verdadeiro, no entanto, que para um outro sub-conjunto de dados não se pode identificar inequivocamente a motivação.

BRAGA, M. L.; CORIOLANO, J. Gerund constructions in Brazilian Portuguese. *Alfa*, São Paulo, v.51, n.1, p.175-187, 2007.

- **ABSTRACT:** *In this article, we investigate the many uses of the expressions formed by the presence of the morpheme -ndo (-ing). We defend that the constructions can be distributed in “constellations”, consonant with the form under investigation constitutes the nucleus of a verbal predicate, either in independent, hypotactic or embedded clauses, and functions as a connective link establishing relationships between phrases / clauses or as a discourse marker contributing to the organization of the inter-personal relationships. With regard to the complex clauses integrated by a gerund clause, we show that, concerning their grammatical properties, the differences between the various types – circumstantial, qualifiers and sequentials – are of statistical nature.*
- **KEYWORDS:** *Gerund clauses; complex clauses; circumstantial clauses; qualifier / attributive clauses; sequence clauses.*

Referências bibliográficas

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- MENDES, R. B. *A gramaticalização de estar + gerúndio no português falado*. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 1999.
- BRAGA, M. L. Processos de redução: o caso das orações de gerúndio. In: KOCH, I. V. G. (Org.) *Gramática do português falado: desenvolvimentos*. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. v.6. p.231-252.
- CAMPOS, O. G. L. S. Um problema de sintaxe contrastiva: o emprego do gerúndio e do infinitivo preposicionado em Portugal e Brasil. *Texto*, v.2, n.2, p.124-132, 1978.
- CUNHA, C. *Gramática do português contemporâneo*. Belo Horizonte: Bernardo Álvares, 1970.
- DECAT, M. B. N. Orações adjetivas explicativas no português brasileiro e no português europeu: posição rumo ao ‘desgarramento’. *Scripta: Linguística e Filologia*, Belo Horizonte, v.5, n.9, p.104-118, 2001.

FERRARI, L. *Relatório final do projeto de pesquisa gramaticalização e polissemia nas construções gerundiais*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 1997.

HAIMAN, J. *Natural syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

HALLIDAY, M. A. *An introduction to functional grammar*. London: Arnold, 1994.

HENGEVELD, K. (Ed.) *The theory of functional grammar*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1997.

LEHMANN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J.; THOMPSON, S. (Ed.) *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, 1988. p.183-226.

LIMA, C. H. da R. *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

MATEUS, M. H. M. et al. *Gramática da língua portuguesa*. Lisboa: Caminho, 2003.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1971.

TAYLOR, J. R. *Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory*. Oxford: Clarendon Press, 1992.

_____. *Cognitive grammar*. Oxford: Oxford Press, 2002.